

Cancioneiro de Francisco Galvão. Edição crítica, introdução e notas de MARTÍNEZ TORREJÓN, José Miguel. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal: Fundação da Casa de Bragança, 2016, ISBN 978-972-565-581-8, 85 pp.

A edição em Portugal de um cancionero manuscrito de conteúdo sacro organizado em finais de Quinhentos ou início do século seguinte¹, é, por si só, um acontecimento que merece realce. Para além da importância que este género de iniciativas tem para um conhecimento mais completo da produção poética no nosso país na Época Moderna – assim como sobre os seus processos de divulgação, com o que isso permite saber acerca de leituras e gostos epocais –, ou da relevância que assume, pelo contributo (mesmo se escasso) que pode trazer ao esclarecimento desse intrincadíssimo problema que é a delimitação do *corpus* da lírica camoniana – Vítor Aguiar e Silva² apontava, há décadas, que esta seria uma das tarefas indispensáveis a realizar neste domínio... –, o facto de se tratar, no caso vertente, de uma coleção de poesia sacra torna a sua edição ainda mais digna de registo. Antonio Rodríguez-Moñino teve oportunidade, há já muito tempo, de sublinhar como a raridade destes cancioneros de mão de teor religioso contraria as nossas naturais expectativas, que os julgariam mais abundantes. No caso português, será possível referir um pequeníssimo conjunto de casos destes, onde se destacam o cancionero inserto na *Miscelânea Esteves da Veiga* (Ms. FA-63 da Biblioteca Pública Municipal do Porto) e as coleções de poesias transcritas no manuscrito 7691 da Biblioteca Nacional de Portugal – o qual, «ainda que [...] não seja um “cancioneiro exclusivo de Frei Agostinho da Cruz, [...] é sem dúvida importante e fiável para o estabelecimento do cânone do frade arrábido»³ –, no ms. 1100 da Biblioteca Pública Municipal do Porto (que aí chegou trazido da Livraria do Mosteiro de Grijó) e o ms. 400 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra associado, tal como os dois anteriores, à transmissão das obras do frade arrábido irmão de Diogo Bernardes. A estas coleções manuscritas poderíamos acrescentar alguns cancioneros individuais editados

¹ Ainda que a cópia utilizada para esta edição – que pertenceu a António Lourenço Caminha – se leia que foi feita «do seu original de 1584», Martínez Torrejón assinala: «Nada justifica a data de 1584 que Caminha lhe atribui sem dar indicação nenhuma de como chegou a ela.» (p. 14). Teremos, assim, de considerar que a organização desta coleção terá ocorrido algures num período delimitado pelas datas que balizam a biografia de Francisco Galvão, ou seja, entre 1563 e 1636.

² Em comunicação apresentada em 1980, Aguiar e Silva referia, entre os 5 objetivos prioritários a perseguir no âmbito da investigação sobre o cânone da lírica camoniana, a urgência de «realizar a pesquisa sistemática [...] dos cancioneros manuscritos hispano-portugueses, e de outros manuscritos com informações relevantes, dos séculos XVI e XVII» (*O cânone da lírica de Camões: estado actual do problema; perspectivas de investigação futura*. In *Camões: labirintos e fascínios*, Lisboa: Edições Cotovia, p. 54. Primeira publicação: *III Reunião Internacional de Camonistas (10 a 13 de Novembro de 1980)*. Actas, Coimbra: Universidade de Coimbra, 1987).

³ CUNHA, Mafalda Ferin – *A poesia de Martim de Castro do Rio (c. 1548-1613)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011, p. 37-38.

nos séculos XVI e XVII: a segunda parte do *Cancionero* de 1554 de Jorge de Montemor (*Las obras de devoción*) e o seu *Cancionero Spiritual* de 1558; as *Várias Rimas ao Bom Jesus*, de Diogo Bernardes (1594); as *Obras* de D. Manuel de Portugal (1604); a *Conversam e Lágrimas da Gloriosa Sancta Maria Magdalena & outras Obras Espirituaes* de Diogo Mendes Quintela (1615). Talvez se possa ainda juntar a este conjunto a poesia, maioritariamente sacra, de Baltazar Estaço – *Sonetos, Canções, Élogos e outras Rimas* (1604) – ou as *Flores del Desierto* (1667 e 1675) de Frei Paulino da Estrela.

É neste contexto (aqui apenas levemente esboçado) que devem enquadrar-se estas *Obras Poéticas de Francisco Galvão, estribeiro do duque D. Theodósio*, conservadas atualmente no códice 10770 da Biblioteca Nacional de Portugal. António Lourenço Caminha utilizou esta fonte para a publicação, em 1791, das *Obras inéditas dos nossos insignes poetas Pedro da Costa Perestrello e Francisco Galvão e de muitos anónimos dos mais esclarecidos séculos da literatura portuguesa, dadas à luz e fielmente trasladadas dos seus antigos originais*. Como sublinha José Miguel Martínez Torrejón, o muito competente e bem informado editor deste *Cancionero de Francisco Galvão* que é também responsável pela introdução e notas que o completam, revelam-se injustas e infundadas as suspeitas de “fraude literária” levantadas por Inocêncio Francisco da Silva em 1858, segundo o qual Caminha teria incluído na sua edição composições de sua própria lavra, “de envolta com as obras dos autores dos inéditos”. O manuscrito agora publicado demonstra que, pelo menos no caso do estribeiro de D. Teodósio, António Lourenço Caminha não falsificou os poemas, tendo-se limitado a editá-los, a partir de um manuscrito da época. Este facto permite supor que o mesmo terá acontecido com as obras de Pedro da Costa Perestrello e as dos anónimos publicados no mesmo volume do século XVIII, pelo que se impõe resgatá-los da fama de alegada falsificação que sobre eles continua a pairar...

O códice 10770 da Biblioteca Nacional de Portugal contém um conjunto de 26 textos, sem nenhuma indicação de autoria. Embora o título que encabeça o conjunto (da responsabilidade do copista?) pareça atribuí-los todos a Francisco Galvão, Martínez Torrejón pôde verificar que pelo menos 7 não lhe pertencem, sendo obra de outros autores, tendo sido possível identificar, pelo menos, Pedro de Padilla, López de Úbeda, o padre Tablares e Camões. Restam 19 composições cujo autor poderá legitimamente ser o estribeiro do duque D. Teodósio, uma vez que não foram até hoje atribuídas a nenhum outro. No estado atual de conhecimento, afigura-se como plenamente justificada a interrogação que faz o editor moderno – «[...] estamos perante poemas de Francisco Galvão ou de poemas coligidos por ele?» –, assim como a consequência que daí retira quanto à designação a dar ao volume: «Inclino-me a pensar num produto híbrido e consequentemente a chamar a este volume não *Obras poéticas de Francisco Galvão* mas *Cancionero de Francisco Galvão*» (p. 16).

Apesar das incertezas que possam subsistir quanto à possibilidade de Francisco Galvão

ser autor pelo menos de parte dos poemas que integram esta recolha – Martínez Torrejón aborda o tema debaixo dum subtítulo revelador: «Francisco Galvão, poeta?» (p. 9) – a edição deste *Cancioneiro* não deixa de apresentar valor ou interesse, sobretudo para quem se debruce sobre a história das mentalidades, e em particular sobre as formas e modelos de religiosidade e devoção em Portugal nos finais do século XVI e primeira metade do XVII. Inserindo-se no conjunto das obras que referimos atrás e dialogando com elas, a pequena coleção reunida sob o nome do estribeiro do duque de Bragança D. Teodósio constitui um bom exemplo das linhas dominantes que, neste âmbito, é possível detetar em Portugal no período referido.

Nesta perspetiva, parece-nos acertada a opção que o editor fez de conservar o modelo organizativo original (de cariz devocional), em vez de apresentar os poemas organizados por géneros poéticos, como fez António Lourenço Caminha na edição de 1791. Deste modo, podemos detetar núcleos devocionais claros, que refletem uma hierarquia muito semelhante àquela que organiza, por exemplo, o “cancioneiro” devoto de Diogo Bernardes – as *Várias Rimas ao Bom Jesus* –, ainda que no de Galvão não se chegue tão longe no aprofundamento dos diversos motivos evocados. Ainda assim, ressalta no conjunto o eixo cristocêntrico – declinado nas vertentes da devoção ao crucificado, ao nascimento e ao Santíssimo Sacramento –, em torno do qual se organizam os motivos marianos e a celebração de santos particulares cuja biografia se prende intimamente com a figura de Cristo: S. João Evangelista e Santa Clara. Em articulação com este eixo, ou tratado de forma autónoma, surge a outra temática dominante no conjunto, a vertente penitencial. Esta tanto pode assumir um carácter dramático, dirigindo-se o sujeito poético ao “bom Jesus” que sofre na cruz as dores que não mereceu para remir os pecados humanos, como pode revestir a forma de um apelo confiado no poder e misericórdia do Senhor para que livre, com o poder da sua Graça, o pecador empedernido dos erros em que se afunda: «Sem ti caminha cego o pensamento, / sem ti, pera mor mal e toda gloria, /sem ti coberto estou de escuridade» (“Soneto a Nosso Senhor”, p. 35); «Quanto mais vivendo, / tanto mor perigo, / e quanto mais vivo / mais me vou perdendo. Senhor não me entendo! / *Levai-me d’aqui, / que ares d’esta terra / não são pera mim.*» (“Cantigas a Nosso Senhor”, p. 29).

É no âmbito desta temática penitencial que encontramos um dos núcleos que mais valorizam este *Cancioneiro*. Referimo-nos, especificamente, aos textos que, de alguma forma, dialogam com o conjunto dos 7 salmos chamados penitenciais. Embora a cópia conservada na Biblioteca Nacional de Portugal anuncie, na rubrica que precede o texto 21, «Começam-se os 7 salmos» (p. 63), esta é a única composição que, glosando o salmo 6 da Vulgata, parece suscetível de integrar a vasta tradição de paráfrases destes textos bíblicos. Seria muito interessante saber se este testemunho oferece uma transcrição incompleta de cópia anterior, na qual se encontrasse o conjunto completo dos salmos penitenciais glosados, juntando a este número 6 os restantes, ou seja, aqueles que no texto da Vulgata levam os números 31,

37, 50, 101, 129 e 142... Um indício que pode alimentar – ainda que tenuemente – esta hipótese encontra-se no facto de parecerem estar em falta neste *Cancioneiro de Francisco Galvão* duas estrofes, uma que deveria glosar a segunda parte do primeiro versículo do salmo (*neque in ira tua corripias me*) e outra que contemplasse a segunda parte do versículo 2 (*sana me, Domine, quoniam conturbata sunt ossa me*). Com efeito, todos os restantes versículos são glosados em duas estrofes (correspondentes a oito versos), enquanto estes dois primeiros são tratados apenas em quatro versos cada um, que incidem apenas no primeiro hemistíquio... Se tivéssemos a possibilidade de reconstruir este hipotético conjunto de paráfrases dos sete salmos penitenciais elaboradas (ou recolhidas) por Francisco Galvão, poderíamos juntá-lo ao reduzidíssimo grupo de poetas peninsulares que construíram conjuntos poéticos sobre esta unidade poético-religiosa, onde se destaca o nome de Jorge de Sá Soto Mayor, cujos *Psalmos*, conservados no ms. FA-63 da Biblioteca Pública Municipal do Porto foram editados e estudados em 1976 por José Adriano de Freitas Carvalho⁴. Na *Miscelânea Pereira de Foyos* (códice 8920 da Biblioteca Nacional de Portugal) conserva-se também um conjunto completo de paráfrases aos salmos penitenciais, mas em língua latina (fol. 179r-185r)⁵...

De qualquer modo, mesmo que não ofereça o conjunto sistemático e coerente de glosas aos salmos penitenciais, este *Cancioneiro de Francisco Galvão* testemunha claramente o seu conhecimento e a sua influência nos hábitos devocionais em Portugal por finais do século XVI e começos do XVII, período em que não é raro encontrar comentários e glosas poéticas de salmos penitenciais isolados⁶. Não é difícil, com efeito, identificar relações intertextuais que várias composições aí incluídas estabelecem com este conjunto poético-religioso. Como já ficou assinalado, o poema 21 glosa o salmo 6; o salmo 50 é parcialmente glosado nas “Trovas de um homem aborrecido do mundo” (poema 25), nos versos 151-190, como o editor assinala em nota da p. 70 (poderá anotar-se, ainda, a intertextualidade que este poema estabelece, na sua primeira parte, com o salmo 136, o qual não integra o conjunto dos salmos penitenciais mas tem uma larguíssima tradição de glosas na poesia deste período); o último poema (26) continua a glosa do mesmo salmo 50, o que é igualmente registado por Martínez Torrejón em nota da p. 79; o poema 19 (“Elegia”) apresenta o *incipit* do salmo 6 (*Domine ne in furore*) como rubrica; do mesmo modo, o soneto com o número 20 tem como rubrica *Sicut passer solitarius in tecto*, ou seja, o segundo hemistíquio do versículo 8 do salmo 101.

⁴ *No texto do Cancioneiro de Corte e de Magnates: os Psalmos Penitenciais de D. Jorge de Soto Mayor*. Estratto degli «Annali dell'Istituto Universitario Orientale». Sezione Romanze. Napoli, 1976.

⁵ A edição deste importante códice, preparada pelo mesmo editor deste *Cancioneiro de Francisco Galvão*, José Miguel Martínez Torrejón, depois de ter sido várias vezes anunciada foi prometida pela Imprensa Nacional – Casa da Moeda para 2016, pelo que deverá estar disponível no início do próximo ano. Nela poderá ser lida uma tradução para língua portuguesa destes «Sete Salmos em verso».

⁶ Como assinala José Adriano de Freitas Carvalho no trabalho citado, p. [11].

Tendo em conta o que fica referido, é de justiça saudar a iniciativa conjunta da Biblioteca Nacional de Portugal e da Fundação Casa de Bragança de patrocinarem a edição deste pequeno *Cancioneiro*, com a qual se põe ao dispor de investigadores e outros interessados um documento significativo da prática devocional no nosso país na transição do século XVI para o XVII, que é também importante para um conhecimento mais completo da poesia maneirista portuguesa e das suas modalidades de transmissão. Ao mesmo tempo, foi possível reparar de algum modo a honra de editor de António Lourenço Caminha, posta em causa pelas suspeitas de Inocêncio Francisco da Silva e bibliógrafos que o seguiram. Assinalem-se, por último, o rigor e a segurança do trabalho de edição realizado por José Miguel Martínez Torrejón, autor também da breve “Introdução” e das notas que acompanham o texto, para além dos dois úteis anexos que completam a publicação, o primeiro com as “Epígrafes, primeiros versos e atribuições a outros autores” e o segundo com a “Ordem [dos poemas] na edição de Caminha”.

Luís de Sá Fardilha

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Investigador do CITCEM

fardilha@letras.up.pt